

PREÂMBULO

INDIVIDUALIDADE E RIGIDEZ SOCIAL

Pertencemos a uma sociedade que, em tese, exige posicionamento definido, rígidos padrões de “normalidade”, comportamentos predeterminados, não concedendo, via de regra, espaços para a aceitação de novas alternativas. Assim, aspectos como diversidade, diferenças – sejam elas étnicas, ideológicas, religiosas, sexuais – geram discriminações, preconceitos, ainda que não explícitos, manifestos.

Gradualmente, questões que envolvem (outros) estilos de vida, modos de pensar, sistemas próprios de confissão, de atividades individuais, a relação com o corpo, aspectos psicológicos, comportamentais e ambientais, vem abrindo frestas, sendo discutidos, merecendo maior reflexão e mesmo revistos.

A crítica, a censura, a violência, infelizmente, são, de há muito, os principais instrumentos de conformação social. Somos julgados, os pontos fracos expostos, sem permissão para nos amar, nos afirmar. Sentimentos de culpa, sensação de inferioridade, autoaversão são, assim, alimentados, provocando baixa autoestima, derrotismo, acomodação. Ou então reações extremadas como violência, drogas, contravenção.

Incorrem pais, educadores, autoridades, em crassos erros, quanto ao uso de conceitos repressivos, linguagem destrutiva, atitudes de desvalorização, depreciação, não aceitação da singularidade de seus tutelados. O ser humano deve ser estimulado, a partir de seus aspectos e atributos positivos, de reconhecimento de seus naturais limites, de desenvolvimento de todo o seu potencial interno e relacional com o mundo. Há, por conseguinte, que se rejeitar a forma obsessiva, compulsiva de se padronizar as pessoas, de se fazer comparações (com terceiros ou situações), de competições desgastantes, arbitrarias, expondo-se crianças e jovens, a confrontos, acima de sua capacidade etária, mental e mesmo anatômica.

Pais, escolas, empresas, instituições públicas tem o insano, destrutivo hábito de comparar, cobrar desmedidamente, constranger, de exigir os mesmos resultados das individualidades, em si distintas, dotadas de cabedais únicos, de jornadas existenciais próprias. Frequentemente, por isso mesmo, pais, educadores, empresários são levados às páginas policiais e às barras dos tribunais por exauros em suas atitudes repressoras.

Um dos segredos da pessoa equilibrada, sábia, é o da escuta – como diziam nossos avós, o saudável ato de dosar a língua, o “falar menos”. Segundo Freud, nossa língua é como cristal e expressa a estrutura do inconsciente. A fala deve ser sempre dignificada, equilibrada, um cristal a ser burilado, manuseado com perícia, evitando-se que, fragmentado, revele nossa individualidade psicótica, violenta, eivada de tropeços, estilhaços, excessos. Atitude louvável, num mundo já com tantos desequilíbrios...

Gente que fez história

Tempos incertos pedem coragem e inspiração. Assim, este número do Sabores & Saberes reservou espaço para revisitar trajetórias de são-tiaguenses que fizeram a diferença na Medicina, na Educação, na Cultura, para o povo.

A partir da página 3

Quando o povo se revolta

Todo livro de História dedica ao menos um trecho ou capítulo a revoltas populares. Fato é que nenhuma Nação passou ilesa à ira de seu povo em algum momento, fosse se rebelando contra desmandos governamentais, fosse lutando por liberdade, fosse dando voz a ideias diferentes. Em meio a tantas narrativas, algumas se tornam especialmente... peculiares.

Confira algumas delas.

Pág. 8

A visita de Deus

“O brâmane Latchumanane era um homem sumamente piedoso. Todos os dias, ao despertar, fazia a sua ablução ritual e logo partia para o templo, levando nas mãos seu cesto de oferendas. Ia assistir ao puja da manhã, culto hindu prestado a Deus três vezes ao dia. Com fervor, ele rezava: 'Senhor, venho visitar-te sem faltar um só dia. Pela manhã e à noite eu te faço oferendas. Não podes tu visitar-me?'. A resposta veio certa vez.

Leia o restante dessa história na

Pág. 12

As origens de Bom Sucesso

Segundo a lenda, por volta de 1720, teria passado pelas terras que constituem o atual município de Bom Sucesso um governador que se dirigia para Goiás, vindo de São Paulo. Foi ali que sua esposa, que viajava grávida, sentiu as primeiras dores do parto, que ocorreu normalmente. Qual a relação dessa história com o nome do município no Campo das Vertentes?



Contamos tudo isso na Pág. 13

ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Feito para andar e não anda.
- 2- O que nunca volta, embora nunca tenha ido.
- 3- Quanto mais se tira mais se aumenta.
- 4- Mesmo atravessando o rio não se molha.
- 5- O que o zero disse para o oito.

1- A Rua ; 2- O Passado; 3- O Buraco; 4- A Ponte; 5 Que cinco maneiros!

Provérbios e Adágios

- De mulher de burguês ninguém queira ser freguês.
- Depois da batalha, aparecem os valentes.
- Dinheiro de trouxa é farra de sabido.
- Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a sofrer em Paris.
- É melhor adormecer sem ceia, a acordar com dívidas.
- Ervas daninhas crescem depressa.



Para refletir

- O menor ato de bondade vale mais do que a melhor intenção. *(Khalil Gibran)*

Permaneçam juntos, mas não perto demais: pois os pilares do templo estão separados e o carvalho e o cipreste não crescem na sombra um do outro. *(Khalil Gibran)*

A simplicidade é o último degrau da sabedoria *(Khalil Gibran)*

É belo dar quando solicitado, é mais belo ainda dar quando não solicitado: dar por haver apenas compreendido. *(Khalil Gibran)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA

TITO

Era morador no Gajé, no Ouro Fino, divisas de São Tiago e Passa Tempo. De cor negra, hábitos primitivos, os mais rústicos, andrajoso, vivia só, isolado num rancho, trabalhando eventualmente para fazendeiros da região. Dispensava em sua tapera, todo e qualquer tipo de conforto, comodidade, seja em que azo ou estação estivesse. Hirsuto, cabeleira enorme, avesso a banhos, eximindo-se ainda do corte de cabelos, unhas, esfarrapado, o que lhe emprestava, à distância, uma aparência simiesca e assim chegou a ser confundido por caçadores ou transeuntes!

Em seu casebre de chão batido, cobertura de capim navalha e sapé, nenhum móvel, ainda que artesanal ou o mais tosco possível. Dormia no chão. O fogão era uma trempe de pedras, um tucureba à maneira indígena, onde braseiros fumegavam dia e noite.

Armazenava mantimentos e alimentos em fundas covas por ele perfuradas dentro do tugúrio onde morava. Os vasilhames utilizados eram cuias, coités, potes de barro cru ou de madeira, nenhum talher ou panela de origem industrial. Preparava seu café com caldo de cana que ele mesmo "batia" (macerava) na hora, numa engenhoca de pau ao lado do rancho. O café era por ele colhido em alguns pés no quintal, a que ele mesmo secava, socava num oco de pau, à guisa de pilão, e torrava numa velha panela de barro. A título de alimentação básica, algumas moitas de mandioca e inhame no fundo do quintal.



O VALOR DE UM REI

Tamerlão, que foi o fundador do segundo Império Mongol, um dos maiores conquistadores da antiguidade, banhava-se, certa feita, rodeado por um préstito de cortesãos e serviçais.

Um filósofo persa achava-se ali presente e o rei mongol inquiriu-o:

- Quanto calculas o meu valor ?
- Trinta moedas, no máximo
- Mas só a toalha com filamentos de ouro que tenho nas mãos vale muitíssimo mais do que isso...
- Já inclui a toalha, retrucou, no ato, o filósofo.

Realização:



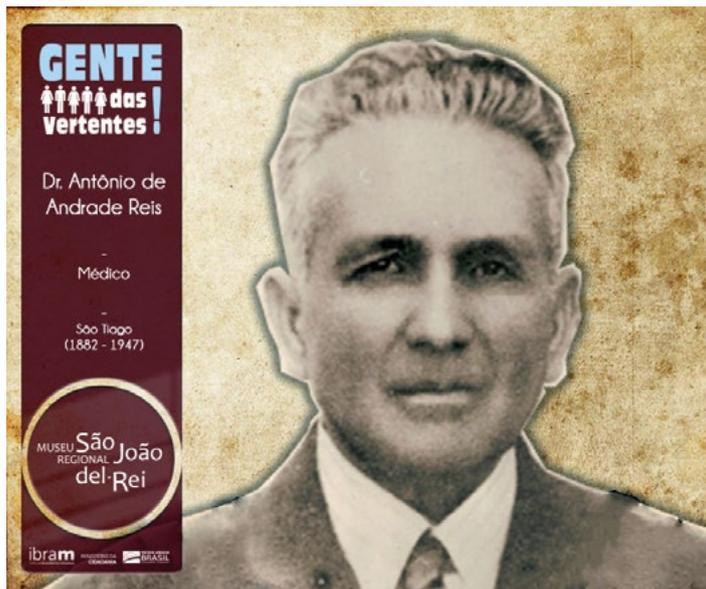
Patrocínio:



Apoio Cultural:



Gente das Vertentes



Dr. Antonio de Andrade Reis

O personagem do Gente das Vertentes de outubro ficou conhecido por impactar o cenário médico de São João del-Rei e de Minas Gerais. Tendo ocupado cargos importantes no município, como diretor de Serviços Hospitalares da Santa Casa e contribuído na luta contra a gripe suína e o tifo na cidade. Em seus 37 anos de carreira médica, o doutor Antônio de Andrade Reis adquiriu a reputação de profissional atencioso e caridoso que modernizou a sociedade médica mineira.

Nascido em 16 de novembro de 1882, filho de fazendeiros, Antônio começou seus estudos em sua cidade natal: o distrito de São Tiago, município de Bom Sucesso. A segunda parte de sua vida acadêmica o levou para Juiz de Fora, onde frequentou o colégio



Corpo Médico da Santa Casa de Misericórdia: doutores J. Martins Ferreira, Francisco Mourão Filho, Fausto das Neves, Antônio Viegas e Andrade Reis

Grambery. Concluído o ensino secundário, começou sua formação profissional. No ano de 1910, ele obteve o diploma no curso de medicina pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, com especialização em Geriatria e Obstetrícia pela Maternidade das Laranjeiras. Seu currículo também conta com experiências acadêmicas no exterior, sendo que passou dois anos em centros médicos da Europa, aperfeiçoando seus conhecimentos e técnicas.

Encerrando os estudos, logo começou a exercer a profissão. Voltando para seu estado de origem: Minas Gerais, veio para São João del-Rei e começou a trabalhar na Santa Casa do município onde, ao longo de três décadas, exerceu vários cargos, inclusive o de Enfermeiro-Mor, diretor de Serviços Hospitalares da Santa Casa e diretor do Serviço Cirúrgico e ficou conhecido como um doutor excepcional.

Ainda no cenário médico da cidade, foi um dos responsáveis pela montagem e estruturação do, não mais existente, Hospital do Rosário, que prestou muitos serviços à população menos favorecida. Foi um dos doadores cujos fundos colaboraram para a sala de operação do dito centro médico.

Sua carreira, no entanto, não se resumiu ao atendimento em hospitais. Em momentos de crises epidêmicas, ele percorreu o município com tratamentos ou prevenções, oferecendo cuidados a população contra a gripe espanhola e a febre tifoide (tifo).

Seus feitos foram além de cuidar do povo enquanto vivo. Ele se dedicou também a preparar futuras gerações de médicos e enfermeiros para dar continuidade ao seu trabalho na sociedade médica são-joanense. Doutor Andrade Reis foi o fundador e o primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Ele ainda presidiu a Filial da Cruz Vermelha, organizando cursos de preparação para enfermagem e criou a Escola de Enfermagem e Obstetrícia com o objetivo de equipar o hospital com enfermeiros mais eficientes e especializados. E há também o legado que deixou na forma de textos médicos, que lhe renderam o cargo de membro correspondente da Academia Nacional de Medicina, título valioso entre os médicos.

Seu longo currículo lhe garantiu diversos postos de importância em São João del-Rei e no Brasil. O doutor Andrade Reis foi nomeado como vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São João del-Rei, mestre em Clínica e Cirurgia, e ainda diretor da Higiene Municipal. Além disso, ele também foi escolhido como patrono da cadeira nº 6 da Academia Mineira de Medicina. Ele ocupou cargos políticos, tendo sido presidente da Câmara Municipal, entre outros. Seu trabalho e seus métodos e conhecimentos modernos também foram de grande importância para que a cidade ganhasse a reputação de centro cirúrgico e de polo hospitalar.

Doutor Antônio de Andrade Reis faleceu em 25 de agosto de 1947, após uma vida dedicada a medicina, ao município e ao povo. Em sua homenagem, a Santa Casa de Misericórdia hoje exhibe seu busto no saguão da entrada principal.



Busto do Dr. Antonio Andrade Reis

Por Brenda Guerra e Isabela Castro

Fonte: <https://museuregionaldesaojoaodelrei.museus.gov.br/dr.antoniodeandraderes>

Personalidades de renome, raízes são-tiaguenses

Com prazer e relevância, publicamos, nesta edição, as notas biográficas e familiares de duas personalidades de renome, unidas por marcantes laços à nossa comunidade e que muito honram a memória, a história e a cultura são-tiaguense.

Trata-se dos irmãos Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO e da Prof.^a SELMA DE CARVALHO AZEVEDO ALCICI, descendentes de Pe. Júlio José Ferreira, laborioso vigário de São Tiago entre 1868 a 1901 (sobre o Revm^o Pe. Júlio José Ferreira, ver matérias em nosso boletim n^os CXXI - junho/2019 e CXLIX - fevereiro/2020)

Lembramos que os biografados Pe. MARCELLO e Prof.^a SELMA são filhos da são-tiaguense Prof.^a BENVINDA DE CARVALHO AZEVEDO, neta de Pe. Júlio, e do comerciante JOSUE DE AZEVEDO (sobre a prof.^a Benvinda de Carvalho Azevedo ver matérias em nosso boletim n^os CXXXV - dezembro/2018 e CXLIX - fevereiro/2020)

Nossos agradecimentos ao autor e nosso colaborador, Dr. Fernando Alcici, pelo primor dos textos, que muito enriquecem a memória de nossa comunidade e do País.

PE. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO

- EDUCADOR, ESCRITOR, TEÓLOGO E ANTROPÓLOGO DE RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO nasceu em Belo Horizonte no dia 18 de abril de 1927, uma segunda-feira da oitava da Páscoa, filho de Josué de Azevedo, do comércio local e depois securitário, e da professora Benvinda de Carvalho Azevedo, natural de São Tiago.

Foi batizado no dia 8 de maio do mesmo ano pelo Primeiro Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio do Santos Cabral, na Matriz de São José, no centro da Capital Mineira, sendo seus Padrinhos, sua avó materna, Maria José Ferreira de Carvalho e o marido de sua tia paterna, Theodomiro Teixeira de Araújo. No dia 13 de no-

vembro do mesmo ano, foi crismado por Dom Cabral.

Em 12 de novembro de 1928, nascia sua irmã, Selma de Carvalho Azevedo. Sendo que do primeiro casamento de seu Pai, já tinha um irmão, Miguel Feitosa de Azevedo (1920-1991).

Estudou no Jardim de Infância Delfim Moreira e o primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, tendo feito o admissão no famoso curso de sua Mãe e de sua tia, Maria José de Carvalho Vidal, entrando em seguida no Colégio Arnaldo, dos Padres do Verbo Divino.

Fez sua Primeira Comunhão no dia 3 de outubro de 1934, na Catedral da Boa Viagem.

Pensava em ser engenheiro. quando o Padre Murillo Moutinho, Jesuíta, passou por Belo Horizonte, em junho de 1941, para planejar a abertura do Colégio Loyola e encontrando com o Marcello, então com quatorze anos, na Paróquia de Santo Antônio, da

avenida Contorno, o levou para o Aloisianum, para estudar no Colégio Santo Inácio, dos Jesuítas, no Rio de Janeiro. O Aloisianum era na época um seminário Menor dos Jesuítas. Ali Marcello foi sentindo a sua vocação para o sacerdócio e, terminados os estudos fundamentais, iniciou seu Noviciado a Primeiro de fevereiro de 1944, que durou dois anos, sendo seu mestre de noviços o Padre César Dainese SJ (1894-1986), emitindo os Primeiros votos a 2 de fevereiro de 1946. Marcello iniciou seus estudos de Filosofia em Nova Friburgo, no mesmo ano.

A morte prematura de sua Mãe, Benvinda de Carvalho, no dia 15 de agosto de 1949, com apenas 54 anos, em Belo Horizonte, de um AVC, muito o entristeceu, sendo que veio de Nova Friburgo para o sepultamento e logo retornou.

No final do ano de 1951, foi transferido para Roma para fazer o mestrado em Filosofia na Universidade Gregoriana e, em 1954, para Frankfurt/Main, na Alemanha, onde cursou Teologia na Theologische Fakultät.

Ordenado sacerdote na Catedral de Frankfurt/Main, pelo Núncio da Alemanha, D. Edmundo Munck, no dia 31 de julho de 1957, com a presença de seu Pai, sua irmã Selma, sua prima Nara Maldonado de Carvalho, e alguns amigos brasileiros.



Celebração dos dez anos de sacerdócio no Colégio Loyola em 31 de julho de 1967. Padre Marcello no centro, tendo seu Pai, Josué de Azevedo à sua direita e sua irmã Selma, à sua esquerda, na ponta direita da foto seu irmão Miguel, e os jovens são os seus sobrinhos, Marcelo Inácio, na frente e Fernando, atrás e outra sobrinha, Mary Elizabeth ao lado do Josué e atrás do Padre, sua sobrinha Regina com o marido Marco Aurelio.

Em 1958, foi convocado, em Roma, para assumir interinamente o programa brasileiro da Rádio Vaticano e foi o primeiro a anunciar para todo o Brasil a morte do Papa Pio XII, no dia 9 de outubro de 1958.

Voltou ao Brasil no final deste mesmo ano para fazer a sua Terceira Provação em Três Poços (RJ), no ano de 1959, tendo antes permanecido dois meses com a família, em Belo Horizonte. Neste período celebrou em São Tiago, terra de sua Mãe, no dia 3 de janeiro de 1959 e em Datas, terra de seu Pai. Fez os trinta dias dos Exercícios Espirituais na belíssima casa de retiros no alto da Gávea, no Rio de Janeiro, no mês de fevereiro, tendo recebido durante o retiro a notícia do nascimento do seu primeiro sobrinho, Fernando, em 22 de fevereiro de 1959, que escreve estas linhas.

Retorna em janeiro de 1960 a Roma para fazer o mestrado em Teologia na Universidade Gregoriana. Faz seus Últimos votos no Gesù, no dia 2 de fevereiro de 1961.

Designado Diretor de Estudos no Colégio Pio Brasileiro, é surpreendido em 1963 com a sua designação para Provincial dos Jesuítas, da Vice Província Goiano-Mineira, tendo apenas 36 anos, retornando a Belo Horizonte, para exercer este cargo, o que ocorreu até 1971.

Eleito Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil em julho de 1968, com sede no Rio de Janeiro, acumularia este cargo com o de Provincial dos Jesuítas durante 3 anos. Exerceu com grande sabedoria e tino administrativo, tendo reerguido a instituição em todos os níveis. Prova disso foi suas reeleições sucessivas para mais dois mandatos, totalizando um total de nove anos à frente da CRB.

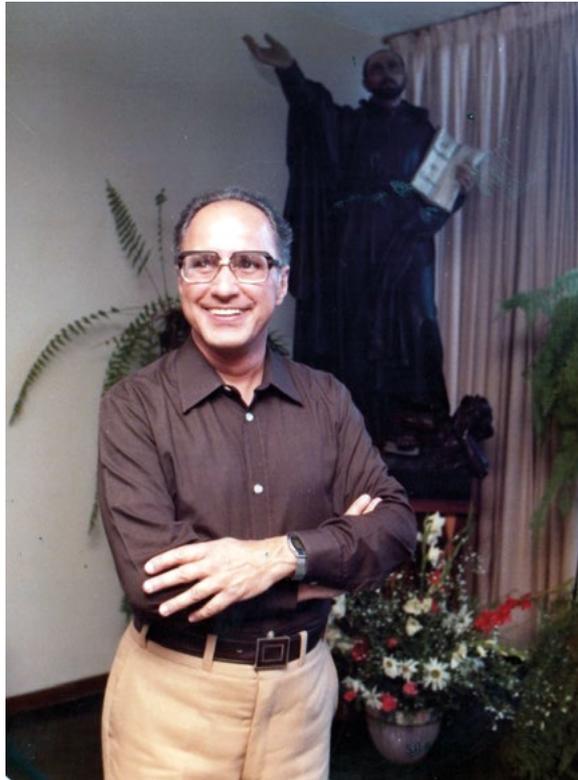
Perdeu seu Pai no dia 3 de agosto de 1968, após uma rápida doença, logo após a sua primeira eleição para Presidente Nacional da CRB.

Tendo deixado a CRB em julho de 1977, foi para os EUA cursar o mestrado em Antropologia Cultural, pela New School for Social Research, Graduate Faculty, de New York, retornando ao Brasil no final de 1979, se dirigindo em seguida para Brasília, como Superior do Centro Cultura de Brasília, dos Jesuítas. Retornou alguns anos depois para o Rio de Janeiro como diretor e pesquisador do Centro João XXIII e Ibrades.

Coordenou, já nos anos noventa, a transferência do Centro João XXIII e Ibrades para Brasília, quando manifestou os primeiros sinais de sua doença degenerativa, o mal de Alzheimer. Ele ainda fez uma palestra no grande COMLA, Congresso Missionário Latino Americano, em julho de 1995, em Belo Horizonte, e fez um ano sabático, visitando vários países, principalmente da Europa Oriental, após a queda do Muro de Berlim e das ditaduras comunistas.

Com a piora do quadro, veio morar em 2003 na casa da Saúde Irmão Luciano Brandão, dos Jesuítas, no bairro Planalto, em Belo Horizonte, vindo a falecer de pneumonia de aspiração no dia 24 de fevereiro de 2010, sendo sepultado no dia seguinte, no Cemitério do Bonfim, no jazigo dos Jesuítas.

Tendo completado os programas doutorais em filosofia, teologia e missiologia, foi professor de Teologia no curso de pós-graduação da Faculdade de Teologia de Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RIO) e pesquisador na área de articulação entre fé e cultura (teologia e antropologia cultural) no Centro João XXIII para a pesquisa e ação social, no Rio de Janeiro. Marcello foi professor adjunto por oito anos na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma



Pe. Marcello de Carvalho Azevedo em 1977

(1982-1989), professor visitante no Centre Sèvres de Estudos Superiores de Teologia e Filosofia, em Paris, França (1988,1991), no Woodstock Theological Center, Georgetown University, Washington D.C. (1981-1986), no Washington Theological Union, Washington D.C. USA (1987) e no Graduate Theological Union, em Berkeley, Califórnia, USA (1989).

Padre Marcello caracterizava-se pela sua aplicação e dinamismo no campo da vida religiosa, a qual dedicou boa parte de suas atividades no Brasil e no exterior, através de retiros, assessorias a capítulos, palestras, artigos, cursos, livros que foram por demais apreciados, alguns deles traduzidos em vários idiomas. Muitas vezes, ele mesmo os traduzia, pois falava onze idiomas.

Sua vida foi marcada em um primeiro momento como Provincial da jovem vice província Goiano-Mineira, quando elaborou os planos e projetos de otimização e depois a CRB, quando teve de enfrentar sérios problemas administrativos naquela época.

No centro João XXIII imprimiu sua característica de organização e eficiência.

Seu currículo se estende por mais de trinta páginas, elencando livros, artigos, catequese, palestras, congressos, participações e cursos por mais de vinte e oito países.

Religioso preocupado com a vida espiritual, foi um homem de acolhimento fácil, amigo, dotado de sensibilidade e respeito pelos outros, muita oração, estudo e trabalho.

Tinha uma grande afeição e interesse por sua família, apesar de viver a maior parte de sua vida distante dela, não deixando de visitá-la pelo menos uma vez por ano, quando estava no Brasil, mas mantendo uma correspondência epistolar, principalmente com sua irmã, Selma, e seu sobrinho e afilhado, Fernando. Deixou cinco sobrinhos do seu meio-irmão Miguel e três de sua irmã, que viria a falecer em 16 de junho de 2019, também de mal de Alzheimer, sobrevivendo quase dez anos ao Marcello, a quem era muito dedicada, principalmente nos anos de sua doença, e com quem tinha grande afinidade.

Suas obras principais foram: Comunidades eclesiais de base

e inculturação da fé; Os religiosos vocação e missão; Oração na vida, desafio e dom; Modernidade e cristianismo. o desafio à inculturação: Educação, Sociedade e Justiça; Entroncamentos e Entrelaçamentos: Temas do Homem na agenda de Deus; Leste Europeu, inesperada convulsão: Vidas consagradas, rumos e encruzilhadas e organizou os Bilhetes de Dom Luciano.



Na celebração dos seus vinte e cinco anos de sacerdócio no Rio de Janeiro - 1982

Fernando de Carvalho
Azevedo Alcici,
sobrinho do Padre
Marcello de Carvalho
Azevedo

SELMA DE CARVALHO AZEVEDO ALCICI, UMA VIDA EXTRAORDINÁRIA - Educadora, Tradutora, Líder Social, Cultural e Catequética

Faleceu no último dia 16 de junho, com noventa anos de idade, após uma breve pneumonia, no Hospital da Unimed de Belo Horizonte, Selma de Carvalho Azevedo Alcici.

Nascida a 12 de novembro de 1928, na capital mineira, segunda filha do casal Josué de Azevedo e Benvinda de Carvalho Azevedo. Seu pai, comerciante e depois securitário, homem muito religioso, vicentino e de muitas relações e sua mãe, professora famosa, também muito religiosa, souberam educar na fé cristã Selma e seu irmão, Marcello, que se tornaria um grande jesuíta, escritor e presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil Nacional por vários mandatos.

Aluna, inicialmente das Irmãs Dominicanas do Colégio Santa Maria e depois das Missionárias Servas do Espírito Santo do Colégio Sagrado Coração de Jesus, ficou muito marcada por esta formação, tendo sido aluna interna no Colégio Imaculada Conceição em Barbacena, das Filhas da Caridade, por um ano.

Desde cedo mostrou a sua inteligência e liderança, sendo uma pessoa alegre e dinâmica, ao mesmo tempo inquieta e criativa. Tinha dom para línguas e estudou vários idiomas.

Perdeu a mãe aos vinte anos de idade, ficando só com o Pai, já que o irmão tinha saído de casa para o seminário dos Jesuítas no Rio de Janeiro, com apenas quatorze anos de idade.

Estudou Biblioteconomia, sendo da segunda turma da UFMG, formando em 1955 e depois faria, Letras, também na UFMG, já casada formando em 1964. Nos anos oitenta, fez mestrado em Biblioteconomia.



Selma com Fernando, seu filho mais velho, em 2013 na Praça JK, em Belo Horizonte

Foi bibliotecária chefe da Escola de Engenharia da UFMG e secretária e tradutora do famoso Professor de anatomia patológica da Faculdade de Medicina da UFMG, dr. Luigi Bogliolo quando solteira. Professora de francês da antiga Escola 12 de Dezembro, que se tornaria o Colégio Elena Guerra.

Bandeirante, foi chefe de região, quando solteira, tendo viajado por este Brasil nesta função, participando de acampamentos e encontros. Sempre teve gosto por viagens.

Casou-se a 22 de abril de 1958, com Bachir Alcici, libanês, naturalizado brasileiro, com quem teve três filhos, Fernando (1959), Ana Maria (1961) e Marcelo (1965) que lhe deram quatro netos: André, Rafael, Lucas e Filipe.

Selma ajudou por várias vezes seu marido no comércio de lustres e material elétrico, revelando-se grande vendedora.

Com seu marido, participou de vários movimentos de casais, como as Equipes de Nossa Senhora e Escola de Pais, tendo sido casal presidente local por várias vezes.

Catequista, fez a formação no Instituto Catequético (ISPAC), dirigiu a catequese do Grupo Escolar Barão do Rio Branco e depois da Paróquia de Santo Antonio da Contorno, tendo preparado dois dos seus três filhos para a Primeira Comunhão. Participou das Obras dos Tabernáculos, que confeccionava paramentos e alfaias para capelas pobres, sob a liderança de dona Maria Luíza Almeida Cunha. Tornou-se oblata beneditina do Mosteiro NSGraças, tendo feita a sua oblação a 15 de agosto de 1977, durante a missa presidida por seu irmão, Padre Marcello de Carvalho Azevedo, com outras companheiras, no abaciado de Madre Luzia Ribeiro de Oliveira e



Selma com a família em fevereiro de 1962. Assentados da esquerda para direita, seu marido, Bachir Alcici, com o filho mais velho Fernando, no colo de Selma, sua segunda filha, Ana Maria, Josué, seu Pai, sua cunhada Naldinha e Miguel, seu irmão, com o filho Marcelo Inácio. Atrás, as quatro sobrinhas, Maria Cristina, Mary Elizabeth, Angela Maria e Regina Célia, filhas de Miguel e Naldinha.



Selma com seu irmão Marcello, em 1930

por muitos anos fez curso de Bíblia no mesmo mosteiro, com Irmã Anastasia, levando seu filho, Fernando, para aulas de catecismo com Irmã Tymothea.

Já tendo criado os filhos, dedicou-se a trabalhar no Pampulha late Club aonde dirigia o comitê feminino, organizando cursos de atualização cultural, feiras de artesanato para os sócios apresentarem e venderem seus produtos, angariando fundos para instituições de caridade. Organizou por décadas viagens nacionais e internacionais para grupos da terceira idade, chegando a conhecer quarenta países.

Quando deixou o Pampulha late Club, transferiu seu curso de atualização cultural, aonde circularam grandes nomes da cultura, desde escritores, psicólogos,



Selma em 1940

psicoterapeutas, médicos, artistas e religiosos, formadores de opinião, sociólogos, pessoas de várias áreas do conhecimento, para o espaço das Paulinas.

Aos oitenta anos, começou a dar indícios de uma demência, que a obrigou deixar todas estas frentes de trabalho, que fazia com muito gosto, competência e alegria, sendo uma verdadeira líder. Sobreviveu dez anos, sempre bem cuidada, não perdendo a sua gentileza, finura e educação no trato com as pessoas.

Selma soube desenvolver seus talentos e colocar a serviço e para o bem de tantas pessoas que cruzaram a sua vida, em diferentes locais e situações.



Selma com seu futuro esposo, Bachir, nos bailes do DCE



Selma com seus Pais, Josué de Azevedo e Benvinda de Carvalho e seu irmão, Marcello

Texto elaborado a pedido das monjas Beneditinas do mosteiro Nossa Senhora das Graças, de Belo Horizonte onde D^a Selma era oblata.

REVOLTAS POPULARES PECULIARES

Ao contrário do que se pensa, a população se manifestou, por várias vezes e razões, ao longo da história pátria, contestando decisões dos governantes. Praticamente todas as manifestações foram reprimidas com desabrida violência pelas autoridades. A truculência policial e militar, a serviço do Estado, sempre foi uma constante e um padrão recorrentes na história do País contra o povo indignado e legalmente indefeso. Longe de ser um fato ocasional ou excesso, o questionar, o reivindicar direitos, por parte do cidadão, é um crime para os beaguins políticos que nos governam, há séculos.

A história registra inúmeras situações de explosão da ira popular, dentre elas algumas peculiares, até mesmo desconcertantes, de que trataremos nas páginas seguintes, como as Revoltas do Vintém, da Vacina, do Quebra-Quilos.

REVOLTA DO VINTÉM

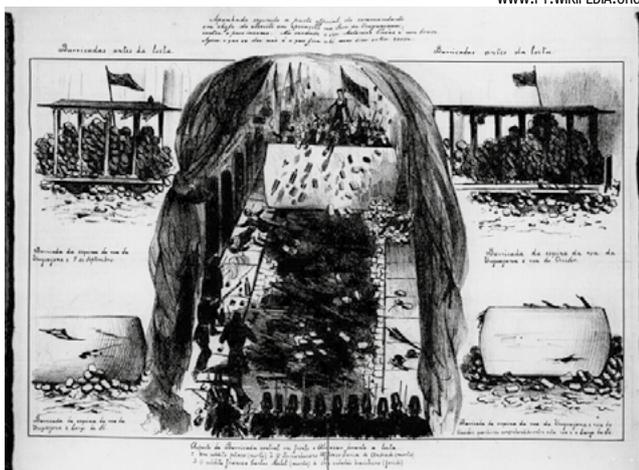
Nos últimos dias do ano de 1879, estendendo-se aos primeiros dias do ano de 1880, ocorreu no Rio de Janeiro, um levante contestatório popular contra o aumento – cerca de 20 reis (um vintém) – na cobrança das tarifas de transporte público, à época bondes de tração animal. Foi uma manifestação ou movimento que se iniciou de forma espontânea, chegando a atingir maiores rumos e expressão por força da atuação de políticos republicanos oportunistas, dentre eles Lopes Trovão, que se aproveitaram da ocasião para propagar “Vivas à República” em meio à multidão exaltada⁽¹⁾

Criado por Afonso Celso de Assis Figueiredo, então ministro da Fazenda, o aumento tarifário tinha por objetivo conter o déficit orçamentário do governo imperial. Era uma taxa a ser inicialmente cobrada às empresas de transporte, proporcional ou estimado ao número de passageiros e a ser embutida/repassada às passagens. Como as empresas alegaram a impossibilidade de efetuar o pagamento por estimativa, o governo decidiu, com o apoio do Parlamento (votação em data de 13/12/1879) efetuar a cobrança diretamente, ou seja, a ser arcada pelos usuários (passageiros).

No dia 28 de dezembro de 1879, a capital do Império assistiu algo somente visto em 1863, quando o Brasil rompeu relações com a Inglaterra devido à Questão Christie⁽²⁾. Uma multidão – cerca de cinco mil pessoas – agulada pelo médico e jornalista Lopes Trovão, ocupou o Campo de São Cristóvão no Rio de Janeiro, em frente ao Paço Imperial, com o objetivo de entregar ao Imperador D. Pedro II, uma petição solicitando a revogação da taxa de 20 réis nas passagens de transporte urbano, que eram, então, bondes puxados a burros.

A repressão policial, com apoio ostensivo da infantaria do Exército, foi intensa nos dias seguintes. Estimulados por Lopes Trovão, que, em inflamados discursos pregava o boicote à nova tarifa, alguns populares mais exaltados passaram a percorrer o centro do Rio, esfaqueando animais, agredindo condutores, quebrando trilhos, tendo as tropas atirado deliberadamente contra a multidão, deixando 3 mortos e dezenas de feridos.

Os excessos da polícia e do exército, a impopularidade do governo (o ministério Afonso Celso cairia em março de 1880) levariam à revogação da lei em setembro daquele ano. A República golpista de 1889, por sua vez, não diferiu do regime monárquico anterior. Em 1904, quando da revolta popular contra a vacina obrigatória, os republicanos empregaram a polícia numa repressão das mais truculentas contra a população. Em se tratando de governo brasileiro, tudo farinha do mesmo saco!



Revolta do Vintém (O Mequetrefe, 03/01/1880).

NOTAS

(1) Um texto da revista “Mequetrefe” n. 196, p. 3 de 27/12/1879, afirmava quanto à revolta: “Não fazemos questão do vintém, pelo vintém em si, pelo valor do vintém. Levantamo-nos, sim, contra esta pressão vexatória, contra esse despotismo, contra essa extorsão iníqua feita ao povo que nenhuma culpa tem da má direção que o governo imprime à marcha do País. Quem esbanja os dinheiros públicos não somos nós, não é o povo em cima de cujos ombros descarregam todo o peso dos impostos”

(2) Questão Christie – impasse diplomático entre o Império do Brasil e o Reino Unido entre os anos de 1862 a 1865. O embaixador inglês no Brasil William Douglas Christie responsabilizou o Império brasileiro pelo naufrágio do navio inglês Prince of Wales na praia de Albardão no Rio Grande do Sul e pela negligência no saque da carga, bem como por incidentes entre marinheiros ingleses e policiais brasileiros no Rio de Janeiro. Levado o assunto à mediação internacional, o rei Leopoldo I da Bélgica, nomeado árbitro da questão, daria ganho da causa ao Brasil, tendo a rainha Vitória em 1865 apresentado desculpas oficiais ao nosso País.

Uma curiosidade: as primeiras moedas do Brasil foram cunhadas pelos holandeses em 1646. Eram de ouro e tinham os valores de três, seis e dez florins.

REVOLTA DO QUEBRA- QUILOS

Movimento popular ocorrido na região Nordeste do País entre fins de 1874 e meados de 1877, que se opunha às mudanças recém introduzidas no Brasil de novos padrões de pesos e medidas do sistema internacional. Embora sem liderança e sem unidade, a revolta iniciada na Paraíba logo se alastrou por inúmeras vilas e povoados, chegando aos Estados de Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte.

A expressão “Quebra-Quilos”, segundo estudiosos, teria surgido inicialmente no Rio de Janeiro, quando elementos populares invadiram casas comerciais – que passaram a utilizar o novo sistema de pesos e medidas – aos gritos de “Quebra os quilos!”, “Quebra os quilos!”, depredando os estabelecimentos⁽¹⁾. Foi um movimento a mais de contestação ao governo, assim como aos censos demográficos, ao recrutamento militar, ao aumento de tarifas de transporte público, ao sistema métrico decimal.

O novo sistema de pesos e medidas foi instituído pela Lei Imperial n. 1157, de 26 de junho de 1862, validado/regulamentado por decreto imperial de 1872, entrando em vigor em 01 de julho de 1873. A reação foi explosiva, porquanto gerara entre o povo sertanejo, de índole supersticiosa, secularmente entregue ao abandono, a ideia de eram “representações do demônio”, utilizadas pelos comerciantes, poderosos e autoridades com o intuito de enganá-los e explorá-los. Sinal inequívoco do descrédito popular para com governantes e o Estado. Sentimentos à flor da pele, passaram os revoltosos a atacarem estabelecimentos comerciais, apoderando-se das “medidas”, quebrando-as e lançando-as aos rios e barrancas. Sequer repartições públicas foram poupadas, como coletorias, cartórios, arquivos de câmaras municipais que eram incendiados. Muitos dos sediciosos eram, sem dúvida, turbulentos, criminosos, cometendo delitos contra o patrimônio público e privado.

A sedição teria se iniciado com um vendedor ambulante de rapadura, cognominado João Carga D’Água que, em 31 de outubro de 1874, liderando um grupo, invadiu a feira no povoado de Fagundes, nas proximidades de Campina Grande, Paraíba, passando a quebrar as medidas e pesos usados pelos feirantes, fornecidas pelo governo. A revolta se espalha, repetindo-se os incidentes em várias e dilatadas áreas do Nordeste. Vilas inteiras aderiram à rebelião. Para seus ataques, os insurreccionados passaram a escolher os dias das feiras populares, pois, nessa ocasião, as autoridades municipais e provinciais cobravam impostos da população⁽²⁾. Dentre os revoltosos, alguns nomes se des-

[HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG](https://pt.wikipedia.org)


Revolta do Quebra-Quilos em 1874

tacariam: João Vieira Manuel de Barros Souza e Alexandre Viveiros.

Como resposta aos distúrbios, o governo imperial enviou tropas, utilizando uma violenta, desproporcional e absurda repressão, atingindo em sua maioria inocentes, drama ainda hoje vivo na memória popular: prisões em massa, torturas, castigos cruéis e inomináveis, dentre eles o chamado “colete de couro” que consistia num pedaço de couro cru amarrado sobre o tórax e as costas do prisioneiro, só deixando de fora só a cabeça. O couro era, a seguir, molhado e ao secar, comprimia violentamente o peito, sufocando o portador, causando lesões cardíacas e tuberculose que levavam à morte asfixiante, lenta, sofrimentos os mais indescritíveis e, para os sobreviventes, a sequelas irreparáveis⁽³⁾.

NOTAS

(1) O termo “Quebra-Quilo” tornar-se-ia popularíssimo, aparecendo músicas, canções até cigarros e sinônimo qualificativo de valentão, destemido, audaz. Foi tema de cantadores nordestinos (literatura de cordel), de conversas e alusões infundáveis, em especial as reminiscências da impiedosa, indiscriminada e violenta repressão governamental, atingindo inocentes e levando ao castigo da morte adversários políticos os mais humildes. Uma das canções mais conhecidas à época, dizia: “Sou quebra-quilo encoletado em couro / por vil desdouro se me trouxe aqui / A bofetada minha face mancha / a corda, a prancha, se me afligir senti...”

(2) Sequer Recife, a capital pernambucana, escaparia da sedição. Uma cantiga recifense alertava: “Toca, toca, minha gente / toca, toca a repetir / que os matutos quebra-quilos / por aí não tardam a vir...”

(3) Tal tipo de tortura, muito conhecido e aplicado na região do Rio da Prata, foi trazido para o Nordeste por militares brasileiros que lutaram no sul do País, em particular na Província Cisplatina (Uruguai). Era lá conhecido como “el tormento de enchalecar” ou “enchalecamiento”, aplicado aos prisioneiros de guerra e que segundo historiadores uruguaios, foi estabelecido pelas tropas do Gen. José Gervasio Artigas (19/06/1764-23/09/1850)

REVOLTA DA VACINA

A “Revolta da Vacina” foi uma sublevação popular, iniciada em 05 de novembro de 1904 e que se agravou entre os dias 10 a 16 do mesmo mês, na cidade do Rio de Janeiro, então a capital do

[HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/REVOLTA_DA_VACINA](https://pt.wikipedia.org/wiki/REVOLTA_DA_VACINA)


Bonde virado pela população na Praça da República durante a revolta.

País. O motivo que provocou a insurreição foi a decisão imposta pelo governo federal de vacinação obrigatória da população contra a varíola, doença popularmente conhecida como bexiga. Para erradicar a varíola, o Congresso aprovou em outubro de 1904, a Lei da Vacinação Obrigatória, que permitia às brigadas sanitárias vacinar(em) a população, ainda que à força, inclusive adentrando livremente residências, contando, para tal, com o acompanhamento e a presença ostensiva de policiais truculentos.

Embora tivesse objetivos positivos, a medida foi aplicada de forma autoritária e violenta. Agentes sanitários, denominados popularmente “mata mosquitos”, passaram a invadir residências, vacinando à força os moradores⁽¹⁾ numa época com grande número de pessoas desinformadas, que sequer sabiam o que era vacina, daí terem os seus efeitos.

A cidade viu-se, então, envolta em clima de guerra: tiros, distúrbios, engarrafamento de trânsito, bloqueio de ruas, barricadas, comércio saqueado, transporte público depredado com trilhos arrancados, incêndios de vagões, destruição de fachadas de residências e edifícios públicos, árvores e postes derrubados, enfim a revolta e a fúria popular contra o projeto de vacinação obrigatória, proposto pelo médico sanitário Dr. Oswaldo Cruz⁽²⁾.

Confusa, descontente, exaltada, a população entrou em confronto com as forças policiais. O governo viu-se forçado a suspender, ainda que temporariamente, a obrigatoriedade da vacinação, declarando estado de sítio no dia 16 de novembro⁽³⁾. Contida a rebelião, o saldo fora de 30 mortos, 110 feridos e centenas de pessoas presas, muitas delas degredadas para o Acre.

NOTAS

(1) A resistência popular contou com o apoio de positivistas, estudantes e cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha, que se sublevaram. Corriam boatos, alimentados pela oposição e ainda por pessoas maledicentes, de que a vacina era perigosa, de que seria aplicada nas “partes íntimas” (tendo as mulheres que se despirem diante dos vacinadores).

Segundo historiadores, a população do Rio de Janeiro, em especial os segmentos mais pobres, vivia descontente com várias medidas tomadas pelo governo, como a reforma urbana da cidade na gestão do prefeito Pereira Passos. Milhares de pessoas foram desalojadas de seus cortiços, derrubados para a construção de avenidas, jardins e edifícios mais modernos.

(2) Dr. Oswaldo Cruz (1872-1917) célebre médico sanitário, diretor da Saúde Pública à época da “Revolta da Vacina” (1904)

(3) Estado de sítio – suspensão temporária de direitos e garantias constitucionais.

O brasileiro adquiriu o estereótipo de povo pacífico, passivo, acomodado. Alguns pensadores, ao estudarem os traços característicos do brasileiro, identificaram o elemento “passividade”. Assim, intelectuais como Silvio Romero creditavam tal traço ao clima, à natureza e à mistura de raças. Sociólogos renomados como Gilberto Freyre levantaram a tese da democracia racial ou ainda da bondade natural assim como Cassiano Ricardo, Buarque de Holanda e mais recentemente a tese do “jeitinho” pelo sociólogo Roberto da Matta).

Governantes disso se aproveitaram à beça, apelando frequentemente para a vertente patriótica, o reforço da identidade nacional, com a imagem de povo pacífico, sempre com objetivos de legitimar o Estado – suas leis, instituições, falácias, privilégios, impunidade – conquanto expressões da Nação. Vejamos slogans como “Brasil, um país de todos”. “País do futuro” e outros mais recentes. O objetivo é simplesmente iludir, minimizar a percepção de desigualdades e tensões sociais, desqualificar opositores e mesmo a justiça e assim justificar ações repressoras contra a própria população, em especial a mais pobre. Uma forma de disfarçar abusos e eternizar a primazia das elites e hierarquias que mantém o País atrasado e espoliado há gerações.

Criam-se mecanismos promíscuos de poder, em todas as esferas e níveis, cooptando-se grupos e lideranças para a partilha do butim, a riqueza pública saqueada cinicamente da população – um festival dionisíaco, maquiavélico sob a sombra das leis conspurcadas, violadas. E que dançam o País, o povo, as gerações presentes e futuras.

PREVISÕES E PROFECIAS

“Profecia, numa definição simples, é o relato humano de uma revelação divina”
(Sam Storms)

“Deve existir seguramente algo oculto por trás dos eventos que observamos”
(Albert Einstein)



Todas as previsões e interpretações proféticas, desde longa data e de alta configuração simbólica – Daniel, Isaias, João Evangelista, Nostradamus – referem-se, em tese, a grandes convulsões telúricas e/ou de ordem climática, geológica, sísmica (vulcões, furacões, tsunamis, terremotos – “tempestades geofísicas” no dizer de Edgar Cayce) e ainda de guerras e epidemias catastróficas a serem vivenciadas planetariamente, havendo ainda interpretações que apregoam colisões de asteroides, verticalização do eixo ou forte alteração do campo eletromagnético e gravitacional da Terra, que passará a se mover em velocidades maiores e surpreendentes (diz-se por influência de um astro “intruso”), aumento colossal do nível dos oceanos e que desastres naturais e climáticos se acentuarão, oriundos do aquecimento global, de derretimento de geleiras, secas, desertificação etc⁽¹⁾. Previsões e interpretações para todos os gostos, oriundas das mais diversas fontes, sejam científicas, religiosas, políticas, também de mentes paranoicas e por aí afora.

Os profetas valem-se, indistintamente, em seus vaticínios, de linguagem figurada, de refinada simbologia, provocando discordâncias, controvérsias entre os interpretes. Há religiosos que, a partir dos vaticínios bíblicos, apregoam, a plenos pulmões, o Armagedon com o término da história terrestre, vitimada por uma suprema crise física e moral, momento em que Cristo se manifestaria exterior, visível e corporalmente, ocorrendo a ressurreição dos mortos e que, conjuntamente com os vivos, serão submetidos ao “juízo final”. Os que escaparem da condenação serão transformados e arrebatados ao céu, enquanto os reprovados ver-se-ão transportados ao inferno, onde permanecerão por toda a eternidade.

Outros interpretam tais eventos proféticos ou porvindouros, retirando-lhes o viés e o véu da letra, entendendo-os como uma limpeza psíquica do ambiente planetário, conspurcado pelos desregramentos humanos coletivos, pelo desleixo moral e pela enfermidade espiritual dos povos, para o que se faz necessária a ação de cirurgia reparadora e indispensável, via cataclismos naturais e epidemias. Afinal, convive-se com uma humanidade perturbada, em grande parte afastada do caminho do dever, da fraternidade, com dirigentes insanos e cujo cenário terrestre após “se agitar ante a presença do Senhor” (Naum 1:5) e “cambalear qual um bêbado” (Is 24:19), será depurado, estabilizado, recepcionando uma nova ordem social e econômica. A expressão “fim do mundo” é, dessa forma, aplicada ao fim da cultura materialista, hedonista, no qual a cultura elevada do espírito predominará, correspondendo ao nascimento de um mundo da verdadeira civilização.

Profecias são avisos, mensagens singulares que nos pedem reajustamento, reciclagem, conversão, a abolição de ações gananciosas descabidas, a supressão de crimes abomináveis típicos da barbárie, da leviandade e insubmissão às leis divinas que, dolorosamente, grassam no seio da coletividade terrestre; faz-se imprescindível, para tanto, o uso do livre arbítrio, de termos um olhar diferente, responsável e sublimado sobre a vida e o mundo. “O que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação” (I Co 14,3) Jamais estaremos, porém, entregues à fatalidade ou ao temor ensandecido. “Os reinos virão contra ti, mas jamais prevalecerão, pois sou contigo” (Jr 1,19) Somos dirigidos e amparados pela longanimidade e soberania do Senhor, cabendo-nos, pois, tilhar caminhos justos e assim expandir nossa consciência na mais alta frequência vibracional. “Não vos preocupeis com o amanhã...” “O Senhor executará sua palavra sobre a terra” Rm 9:28).

A humanidade, desde os seus albores, viu-se sempre envolvida em

conflitos político-militares, ao lado de sérios problemas de ordem moral, econômica, geológica e ambiental. Obviamente, há um Comando Divino – Onisciente, Onipotente, Onipresente – que acompanha todo o nosso processo evolutivo, detendo todo o poder e realizando os reparos necessários, ainda que drásticos, aos desvios comportamentais dos moradores, inquilinos de Sua Vinha⁽²⁾. Vivemos, ao que tudo indica, tempos de transição, véspera de grandes acontecimentos, em que a Terra, formosa joia incrustada no firmamento sideral, ver-se-á polida, purificada de resíduos deletéricos e assim exibir-se radiosa junto ao concerto da Divindade⁽³⁾. O planeta, ora em processo de remodelação, se ajustando e se harmonizando no concerto das nações siderais. O Divino Pastor em Sua extrema compaixão mitiga-nos os sofrimentos, dirime nossas dores, irradiando ininterruptamente Suas bênçãos sobre os corações desequilibrados, aflitos, perscrutadores!

Somos fadados, como tantas outras civilizações espalhadas pelos orbes do universo – as “muitas moradas e apriscos do Pai” – ao progresso científico-tecnológico e fundamentalmente o moral-espiritual, conforme regras distintas, imutáveis e muito bem definidas pela Criação Divina constantes no Evangelho de Jesus. “O número de mentes no universo é um só” (Max Planck). Quaisquer profecias e previsões devem merecer, contudo, o máximo de cautela e a mais extrema prudência de quem as lê ou as busca interpretar. Cabe lembrar, assim alertam exegetas, que, ao longo dos tempos, os profetas – em especial os bíblicos – reaplicam e avalizam os testemunhos de seus predecessores; a título de exemplo, o que não se realizou nas profecias de Daniel ressurgem em Jeremias, enquanto João retoma, no Apocalipse, o conceito do “novo céu e da nova terra” de Isaias. Tema retratado igualmente por Nostradamus no século XVI em suas “Centúrias”.

Por maiores a angústia, a incerteza, não nos deixemos turbar o espírito; nosso planeta, ainda primário em sua evolução, recebe sempre de Deus as lições do alfabeto celestial, personificado no Evangelho de Jesus Cristo. Ainda temos muito a aprender, a conviver, a amar, libertando-nos das formas ilusórias e absorvendo a tangibilidade da Consciência Divina. Aprendemos, ademais, com Jesus no Evangelho, que tragédias são oportunidades e lições para a revisão de nossas vidas, nosso comportamento; diante da dor, da violência – das quais ninguém acha-se imune – a tomada de consciência de nossa responsabilidades, de conversão em relação à vida, de construção de uma nova sociedade lastreadas em valores superiores e sublimados.

O Brasil por seus imensos recursos naturais, sua estratégica posição geopolítica e por seu povo tolerante, cultural e originalmente plural, terá, segundo estudiosos, importante papel num eventual cenário bélico e/ou de gravosas disrupções climático-naturais. Videntes alertam que o Brasil ver-se-á forçado a acolher um enorme contingente de imigrantes, qual uma nova “arca de Noé” e malgrado os enormes problemas de ordem social daí advindos, seremos beneficiados pelo conhecimento humano-tecnológico, tornando-nos uma respeitada potência⁽⁴⁾. Em função dos cataclismos, há previsões mais traumáticas como a invasão do Brasil por parte de poderosas nações estrangeiras. De qualquer forma, as projeções científicas indicam prodigiosos avanços nas áreas da medicina, nanotecnologia, robótica, inteligência artificial, contatos com outras dimensões e mesmo civilizações. Não se pode olvidar que aflora já um novo tipo de consciência universal, que difere do convencional, voltado para valores de pluralidade, biodiversidade, sustentabilidade, tolerância, solidariedade. “Quem tem olhos de ver, que veja”

NOTAS

(1) *Inúmeros e respeitáveis profetas, videntes e santos vem se manifestando ao longo dos séculos, com previsões de fatos, muitos deles, graves quanto à história e o destino da humanidade. Merecem referência São Malaquias, São Nilo de Ancira, Santa Odila, Cura d'Arç, Catarina de Emmerick, Frau Silbiger, Paracelso, Mãe Shipton, Edgar Cayce, Alois Irlmaier, Hildegard von Bingen, Baba Vanga, Jeanne Dixon. Segredos de Fátima e ainda nos dias atuais profetas ligados ao evangelismo como Cindy Jacobs, Stacey Campbell, Ellen G. White etc. E ainda profetas como John do Cleff Rock, no século 14; Bartolomeu Holyhauser no século 17; Pe. Nectou no século 18; Beata Anna Maria Taigi e Maria Julie Jahenny de La Fraudante no século 19; Irmã Elena Aiello (com suas inquietantes advertências sobre a Rússia) e Madre Elena Leonardi no século 20, a merecerem a atenção dos estudiosos e fiéis.*

Há, segundo estudiosos, uma chave para se compreender as profecias. Sua mensagem final é de que haja conversão, fé, penitência, confiança, testemunho. As profecias têm o objetivo de alertar, de despertar, de insistir incessantemente para o bom emprego de nosso livre arbítrio, pois somos sempre os tarefeiros e convidados para as bodas do Senhor, ainda que à última hora. Embora o mundo lacerado pelo egoísmo, ódio e guerra, o Senhor sairá sempre vitorioso. É a Lei Inderrogável!

(2) *As pessoas sensatas se surpreendem com o ilógico grau de corrupção, sofismas, redução do senso comum, a perda da proporção psicológica por parte das criaturas, daí injustiças, crueldades, desmandos vigentes nos nossos dias. Segundo teólogos, há um comando psíquico disciplinado, mefistofélico, maligno, por trás desse comportamento desregrado, anômalo, a exemplo da obsessão por ter e poder, a ganância financeira e patrimonial, ainda que por meios fraudulentos, astúcias, as razões mais fúteis, hipnotizando e engeguencendo a muitos. São as chamadas "potestades" ou forças malignas*

Abominações são processadas; valores são invertidos. Se políticos e congêneres se aboletam nos cargos administrativos, dedicando-se não ao bem comum da população, mas especialistas no furto patrimonial, a cata da fortuna fácil surrupiada dos cofres públicos ou seja de toda a população extorquida e fraudada; se ligados à ciência, ei-los fabricantes de armas assassinas, a elaboração de equipamentos de exploração e aviltamento das massas; se religiosos, transformam a doutrina e a fé sacrossantas em mercadorias e simonias; se magistrados, ocupam-se dos "primeiros lugares". Por onde passam, tornam-se vassallos do mal, tratando o próximo como tolo; se empresários, dedicam-se a atividades ilícitas e exclusivistas e a práticas delituosas como contrabando, sonegação fiscal, intermediação de mercadorias de procedência escusa. O Apocalipse nomeia-os como rãs, animais de pele lisa, escorregadia, habitantes de águas turvas e dos charcos, algo comprovado por relatos de sensitivos.

(3) *Segundo alguns espiritualistas, vivemos a "Grande Transição", momento em que o sistema solar, em seu giro cíclico de 26 mil anos, completa sua translação em torno de Alcione (estrela central da constelação das Plêiades, circundada por um cinturão de fótons), aquilo que a 7ª profecia maia apregoava como "o sair da noite para se entrar no amanhecer da galáxia". Obviamente, há controvérsias a respeito, ficando aqui o registro.*

O chamado "Juízo Final" será o fim da humanidade anticristã e implicará uma operação que atuará nos campos físico-vibacionais, ajustando-se a estrutura e a substância planetária, de forma a tornar a Terra um melhor habitat, com melhor circulação vital, energética, harmonização das correntes magnéticas. Portanto, um ambiente psíquico (etéreo-astral) higienizado, o que exigirá seleção e aperfeiçoamento de seus moradores, eliminando-se os malvados, egoístas, hipócritas, cruéis, desonestos, tiranos, avaros, impudicos, desregrados, déspotas – o que, segundo as profecias, alcançam 2/3 dos habitantes – lançados ao "choro e ranger de dentes" (succionados por um astro intruso de primitiva vibração, nominado como Absinto)

(4) *O Brasil será não só o celeiro, mas o coração do mundo. Perguntareis: - Por que coração? Somente por ser o povo que mais conhecimento tem das coisas espirituais" "Para aqui virão os refugiados de outras terras, de todas as partes do globo e aos que aqui estiverem, caberá o papel de anfitriões, abrindo os seus braços e ofertando o seu coração, sem olhar cores ou nacionalidades, porque aí então começarão a compreender o verdadeiro sentido da palavra Fraternidade" (Ramatis – "Brasil, Terra da Promissão", Ed. Freitas Bastos)*

"A única forma de prever o futuro é exercer o nosso poder de moldá-lo"

(Eric Hoffer)

O Apocalipse, o último livro da Bíblia, autoria de São João Evangelista, nos fala sobre um "novo nome", um "novo cântico", "um novo e uma nova Terra", uma "nova Jerusalém" (Ap 2:17; 3:12; 5:9; 14:3; 21:1-2). A humanidade induzida e conduzida a "cantar um novo cântico a Deus" (Sl 96:1; 98:1), acolhendo a Nova Jerusalém "preparada como noiva adornada para seu marido" (Ap 21:2)

Seus moradores, co-herdeiros do Cristo, nascidos da água e vivificados no espírito, preencherão os requisitos necessários a um discípulo incorruptível, espiritualizado ou seja agente(s) de uma nova ordem, uma nova organização universal. A Terra, no período de transição – final dos tempos ou grande tribulação – será golpeada com a "vara de sua boca", o iníquo será entregue à morte com o espírito de seus lábios" (Is 11, 1-5); os arranjos sociais corruptos e enganadores – o establishment – serão abolidos; os mansos e os de condição humilde libertados; a humanidade, enfim, em clima de ordem e harmonia em Deus, produzirá abundantes "frutos do espírito, que são o amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, fé, bondade, brandura, autodomínio (Gl 5:22-23) e seus filhos ficarão "cheios de espírito" da parte do Senhor (Ef 5:18) Faz-se mister vigilância, fidelidade, perseverança, testemunho "Porque guardaste a palavra de minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro para experimentar os que habitam a Terra" (Ap. 3:10)

Há que se ter total cautela, todavia, quanto aos chamados "sinais dos tempos". Ninguém sabe quando ocorrerão "senão o Pai" (Mt 24, 36). Cabe-nos firmeza, vigilância, fortaleza, fé. Devemos estar sempre motivados para o serviço da caridade e de nosso aprimoramento espiritual crescente, sendo nossas vidas marcadas por "um santo procedimento e piedade" (II Ped 3-11)

O Senhor tem total controle sobre o mundo e "os quatro ventos" agindo através de seus anjos e de Seu Filho (Jr 49:36; Zc 2:6; Zc 6:5; Ez 17:21; Dn 7:2; Dn 8:8; Mt 24:31; Mc 13,27)

São Miguel Arcanjo - um tanto quanto esquecido por religiosos e fiéis - surge como o príncipe dos exércitos celestes: "E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve (...) mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo" (Dn 12:1)

"Então houve uma batalha no céu: Miguel e seus anjos guerrearam contra o dragão. E o dragão lutou junto com seus anjos, mas foram derrotados e expulsos do céu. E o enorme dragão, a antiga serpente, o diabo ou satanás, como é chamado o sedutor do mundo inteiro, foi lançado sobre a terra e seus anjos foram lançados juntos com ele" (Ap 12,1-18)

Os males advindos virão, segundo o Apocalipse (Ap 6,1-8) e conforme os escatologistas, através de 4 cavaleiros – de cores branca, vermelha, preta e amarela, simbolizando, respectivamente, a abominação (anticristo), a guerra, a fome e a pestilência (pandemias)

O mundo atualmente é dominado por 3 grandes grupos de interesses: ocidental (grupo Bilderberg) formado principalmente por magnatas que comandam o dinheiro mundial; grupo eurasiático (russo-chinês), aliados por conveniências, hoje armados até os dentes; grupo islâmico, formado por países radicais e despóticos como Irã, Síria e que desejam a hegemonia da cultura, religião e pensamento islâmicos (são aliados da Rússia) Sobre o chamado "grupo Bilderberg", que compõe o sistema financeiro mundial, Paul Hellyer, ex-ministro da Defesa do Canadá, afirmou tratar-se (o grupo) de uma fraude legalizada globalmente, controlando quase toda a economia mundial – um grupo elitista, conspiratório, um esquema colossal de pirâmide globalizada. Sugerimos a leitura, a respeito, do livro "A verdadeira história do grupo Bilderberg", autoria de Daniel Estulin.

A China – tornar-se-á a maior potência mundial, com ações dominadoras em todos os campos (militar, industrial, político...) são previsões de Edgar Cayce, famoso vidente norte-americano. Uma grande incógnita para a humanidade!

As profecias de Daniel e do Apocalipse são correlatas e se desdobram no tempo. É o que preconizam interpretações preteristas e futuristas das profecias em que as partes não cumpridas no passado serão realizadas no "tempo do fim". Assim, conceituados interpretes no seio evangélico como Ellen G. White, surpreendente autora de mais de 50 livros sobre todos os temas de nosso tempo, lhes emprestam um cunho historicista ou seja de que se trata de uma "revelação ao mundo que foi, o que é e o que será, destinando-se à nossa instrução sobre como serão os fins dos tempos" "vigorando desde os tempos de Daniel a João até o estabelecimento do reino eterno de Deus" (Interessantes obras de Ellen G. White – "O Grande Conflito", "Mensagens Escolhidas", "O Desejado de Todas as Nações", "O Maior Discurso de Cristo")

"O destino não depende do acaso; depende das nossas decisões"

(William Jennings Bryan)

FÉ, ESPERANÇA, CARIDADE, eis a sublime receita!



Sobre "Profecias" ver matéria em nosso boletim nº CXLII – julho/2019

A VISITA DE DEUS

O brâmane Latchumanane era um homem sumamente piedoso. Todos os dias, ao despertar, fazia a sua ablução ritual e logo partia para o templo, levando nas mãos seu cesto de oferendas. Ia assistir ao puja da manhã, culto hindu prestado a Deus três vezes ao dia. Com fervor, ele rezava:

- Senhor, venho visitar-te sem faltar um só dia. Pela manhã e à noite eu te faço oferendas. Não podes tu visitar-me?

Atento a essa prece cotidiana, o Senhor, um dia, lhe respondeu:

- Amanhã te visitarei!

Que alegria para Latchumanane! Ele se pôs a lavar com bastante água toda a casa. Desenhou kôlams no umbral, desenhos com farinha ou com pasta de arroz. Na alvorada, pôs uma vistosa guirlanda de flores de mangueira na entrada da casa. Ele acendeu as kuttuvilakkus, lâmpadas a óleo de várias mechas, no banco de alvenaria que há em toda casa indiana. No centro de cada kôlam pôs uma bela flor amarela de abóbora. E, na sala de recepção, pratos de frutas, bolachas açucaradas, feixes de flores a se acumularem em profusão. Tudo estava impecavelmente pronto para receber Deus. Latchumanane ficou de pé à espera dEle.

Aproxima-se a hora do puja matinal. Um garotinho, que passa por ali, percebe, pela janela aberta, os pratos com bolachas. Ele se acerca: - Vô, o senhor tem muitas bolachas aí dentro; não poderia me dar, pelo menos, uma?

Furioso com a audácia do moleque, Latchumanane replica: - Afasta-te daqui, peralta! Como ousas pedir o que preparei, com tamanha reverência, para Deus?

E o garotinho, assustado, enxotado, parte à toda.

O sino do templo tocou. O puja matinal acabou. O brâmane pensa: - Deus virá depois do culto do meio-dia; vou espera-lo. Fatigado, ele se senta no banco. Um mendigo se aproxima e lhe pede um óbolo. Latchumanane o afasta, irritado. Depois, lava com muito cuidado, o lugar maculado pelos pés andrajosos do mendigo. Passa o meio dia... Deus não vem ao encontro...

Cai a tarde. O brâmane em vigília, tristonho, ainda aguarda a visita prometida. Um peregrino se apresenta à hora do culto vespertino. - Estou exausto, caminhando há dias. Permita-me repousar nesse banco e nele passar a noite?!

- Nunca! Este lugar está reservado para Deus!

Assim, chega a noite. Latchumanane pensa que Deus não cumpriu sua promessa. Quanta desilusão!

Na manhã seguinte, voltando ao templo para a prece matinal, o devoto renova suas oferendas e diz, com os olhos marejados de lágrimas: - Senhor, tu não foste à minha casa como prometeste! Por quê ?!

E uma voz lhe disse: - Visitei-te por três vezes e por três vezes me repeliste...

(Conto tradicional indiano)

BOM SUCESSO

Minas Gerais-MG

HISTÓRICO

Segundo a lenda, por volta de 1720, teria passado pelas terras que constituem o atual município de Bom Sucesso um governador que se dirigia para Goiás, vindo de São Paulo. Foi ali que sua esposa, que viajava grávida, sentiu as primeiras dores do parto, que ocorreu normalmente. Em cumprimento a promessa feita, mandou o governador que ali se erguesse uma pequena capela, dedicada à Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Pesquisas posteriores vieram em parte confirmar, e em parte corrigir a lenda. De fato, por ali passou por volta de 1736 um fidalgo português, D. Antônio Luiz de Távora, Conde de Sarzedas.

A comunidade nasceu em torno da Capela e cresceu.

No período de 1815 a 1822 progrediu sensivelmente, aumentando a população no comércio e na lavoura. Em 1822 já contava com muitas escolas.

Em 1824 foi elevada à freguesia, em virtude de seu progresso e sua crescente importância.

Em 1887 recebeu um prolongamento da E. F. Oeste de Minas (hoje R. M. V.).

A crescente prosperidade econômica do município é abalada pela mudança radical no tipo de trabalho humano, provocada pela Lei Áurea em 1888.

A situação toma tempo para ser normalizada, mas a estrutura da economia local acaba por se adaptar a nova época de progresso.

O topônimo originou-se de homenagem à padroeira do município, Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Gentílico: bonsucessense

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Bom Sucesso, pela resolução de 04-12-1824 e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinada ao município de São João del Rei.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Bom Sucesso, pelas leis provinciais nºs de 15-07-1872 e 15-07-1883, desmembrado de São João del Rei. Instalada em 30-12-1872.

Pela leis provinciais nºs 1784, de 22-09-1871 e 3057, de 31-10-1882, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São João Batista e anexada a vila de Bom Sucesso.

Pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891, são criados os distritos de Santo Antônio do Amparo e São Tiago e anexadas a vila de Bom Sucesso.

Elevado a condição de cidade com a denominação de Bom Sucesso, pela lei provincial nº 2002, de 15-11-1873.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 4 distritos: Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo, São João Batista e São Tiago.

Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento Geral de 1-IX-1920.

Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o município de Bom Sucesso sofreu as seguintes modificações: perdeu o distrito de São João Batista transferido para o município de Oliveira.

Adquiriu o distrito de São Gonçalo do Ibituruna desmembrado do município de São João del Rei. Por efeito da lei citada lei nº 843, é criado o distrito de Macaia ex-povoado e anexado ao município Bom Sucesso.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município constituído de 5 distritos: Bom sucesso, Santo Antonio do Amparo, Ibituruna (ex-São Gonçalo de Ibituruna, São Tiago e Macaia.



Vista aérea do Centro

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo decreto estadual nº 148, de 17-12-1938, desmembra do município de Bom Sucesso o distrito de Santo Antônio do Amparo. Elevado a categoria de município.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Bom Sucesso, Ibituruna, Macaia e São Tiago.

Pela lei estadual nº 336, de 27-12-1948, desmembra do município de Bom Sucesso o distrito de São Tiago. Elevado a categoria de município.

Em divisão territorial datada de I-VII-1950, o município é constituído de 3 distritos: Bom Sucesso, Ibituruna e Macaia.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

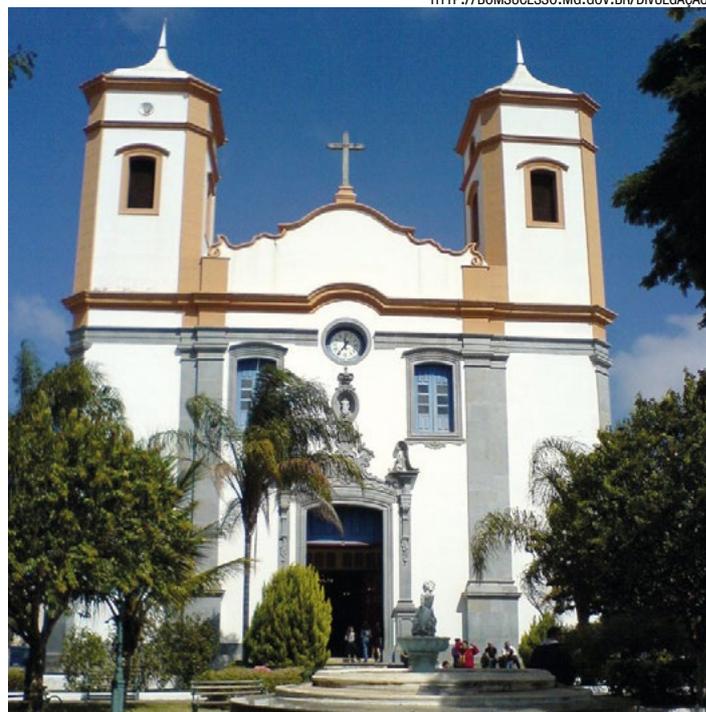
Pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembra do município de Bom Sucesso o distrito de Ibituruna. Elevado á categoria de município.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Bom Sucesso e Macaia.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

*Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXIV
Ano 1958.*

[HTTP://BOMSUCCESSO.MG.GOV.BR/DIVULGAÇÃO](http://BOMSUCCESSO.MG.GOV.BR/DIVULGAÇÃO)



Igreja Matriz



FAZENDA PASSA TEMPO

Por Renata Marques

A marca “F” surgiu com o Coronel Francisco Teodoro de Andrade, nascido em 1840, no distrito de Santo Antônio da Ponte Nova, em Minas Gerais. Francisco era filho do Coronel Bernardino José de Andrade, criador de cavalos no Sul de Minas, amigo de Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas.

Influenciado pelo Barão, Francisco comprou, em 1866, a Fazenda Campo Grande, localizada no distrito de Passa Tempo, então município de Oliveira. Mudou-se para o local e levou consigo sua tropa de marchadores. Por motivo de doença, passou o criatório para seu filho Gabriel Augusto de Andrade, que impulsionou o plantel com exemplares do Sul de Minas.

Em 1928, os destinos da Fazenda Campo Grande mudaram novamente. Bolivar de Andrade, filho de Gabriel de Andrade, comprou o patrimônio e metade do rebanho. Seu pai continuou a criar até 1941. Bolivar de Andrade também avançou no trabalho de melhoramento da raça, prosseguindo com a mesma dedicação e empenho o trabalho de seleção do rebanho Marca “F”. Por seus relevantes serviços prestados à agropecuária mineira, aliados a um incansável esforço pela conservação do Parque de Exposições da

Gameleira, fundado em 1938, o nome Bolivar de Andrade passou a identificar o Parque, um dos maiores e mais antigos do país. Em 1954, ele enviou aos Estados Unidos seu filho Márcio de Andrade, que se formou ‘MS’ em Zootecnia, especializando-se em equinos. Ao retornar, Márcio de Andrade assumiu a condução do rebanho junto ao pai, trabalhando com afinco na grande obra de melhoramento da marca “F”. Um criatório que ficou conhecido pela tropa excelente de trabalho, de andamento confortável e ótimo rendimento.

Mas o que pouca gente sabe é que a história da linhagem Passa Tempo tem outro importante capítulo, que garantiu sua permanência na raça Mangalarga Marchador, proporcionando a muitos criatórios o benefício de utilização de tão importante sangue.

Em 2002, com o falecimento de Márcio Andrade, a família, apesar de sempre incentivar a criação de cavalos, resolveu que não daria prosseguimento às atividades. Sendo assim, Eduardo Pinheiro Campos Filho demonstrou interesse em adquirir algumas éguas. O avô de Eduardo tinha fazenda em Oliveira, município vizinho a Carmópolis, ao lado da cidade de Passa Tempo, e era muito amigo





de Bolivar Andrade. Por conta disso, filhos e netos cresceram na região. Eduardo viveu grande parte de sua juventude na fazenda e sempre gostou da vida no campo. Tinha verdadeira adoração pelos animais da Passa Tempo e pediu à viúva de Márcio Andrade, Elisabeth Andrade, que lhe vendesse algumas éguas. Tanto Márcio quanto Beth tratavam Eduardo por sobrinho e ela o presenteou com seis fêmeas escolhidas por ele mesmo. Dois anos depois, deu-lhe mais três éguas e o cavalo Desafio de Passa Tempo, um filho de Zinabre de Passa Tempo, animal que foi extraordinariamente premiado na década de 70.

Eduardo passou a ter sob sua tutela, além do sufixo, exemplares da mais alta qualidade da linhagem Passa Tempo, mas, como sabia que outros exemplares estavam espalhados por diversos criatórios Brasil a fora, iniciou um trabalho de resgate dos mesmos. Em dez anos, conseguiu identificar e reunir 30 éguas e dois cavalos em seu plantel. Além de Desafio de Passa Tempo, comprou também o Licor, último filho de Invasor de Passa Tempo, com a intenção de conservar a genética, já quase em extinção.

A partir de 2012, uma nova etapa foi iniciada, a do melhoramento zootécnico e genético. Tratava-se de uma tropa muito consanguínea, com quase nenhuma abertura. Por isso, foi feito um trabalho de identificação de material genético de garanhões que pudessem somar às características natas e bem padronizadas da linhagem, nascida há quase 180 anos e reconhecida nacionalmente na marcha picada. Eduardo investiu na compra do garanhão Duque da Cavarú-Retã, um cavalo de genética 50% Passa Tempo e 50% Favacho, filho da última égua campeã nacional da Passa Tempo, Vila da Passa Tempo. Um animal que mostrou capacidade absurda de produção, com resultados surpreendentes no que diz respeito ao melhoramento zootécnico e genético. Um de seus filhos é o cavalo Everest de Passa Tempo, principal garanhão jovem da tropa, já comprovado na reprodução, sendo invicto nas pistas que disputou e promessa para a Nacional 2018. Eduardo também investiu

em coberturas de Elfo do Porto Azul. Grande destaque da marcha picada no país, foi Grande Campeão Nacional, Campeão dos Campeonos Nacionais e Campeão Nacional Progênie de Pai várias vezes. Com isso, tem-se conseguido abrir um pouco o sangue da Passa Tempo para depois voltar a fechar, sem perder os critérios tão bem selecionados pela família Andrade. Animais de altíssima qualidade de marcha picada, com diagrama, rendimento, momento de tríplice apoio bem definido, com morfologia funcional adequada e grande caracterização racial.

Também está no planejamento da Passa Tempo a fase de reconhecimento do trabalho que vem sendo desenvolvido. Depois do resgate e do início do melhoramento, chega a hora de avaliar os resultados em pista e em eventos da raça. A conquista de prêmios em grandes especializadas e conceituadas vendas em bons leilões funcionam como termômetro para essa análise, que tem sido bastante satisfatória para Eduardo.

Na Terra Brava Agropecuária, que hoje também reúne um rico acervo de objetos antigos usados pelos idealizadores da linhagem, Eduardo, engenheiro por profissão e fazendeiro por paixão e vocação, tem o compromisso de elevar o nome Passa Tempo, fazendo jus à tropa formada a partir da experiência de profundos conhecedores do Mangalarga Marchador.



Sobre a Fazenda Campo Grande e o clã Andrade de Passa Tempo ver matéria em nossos boletins nºs: XLII – março/2011 e CXXIII – dez/2017

TOP MARCHADOR
MANGALARGA MARCHADOR

A INAUGURAÇÃO

Ouvira, com singular interesse - de seu privilegiado mirante na Serra de Bom Sucesso - vozerios, o pipocar de foguetes, os ares coloridos, esfuziantes para os lados da cidade. Percebera, ademais, ao longo do dia, uma movimentação maior de veículos pelas estradas próximas. Orelhas aguçadas, cornos eriçados, as ventas farejando o ar, buscava entender o que se passava à distância, aliás a poucos quilômetros dali, em sua tão cara Bom Sucesso. Sem dúvida, algo pomposo, a excitar-lhe vivamente a curiosidade e a imaginação.

Não fora obviamente convidado, (só o era quando levado às feiras e exposições de gado, touro de raça fidalga, motivo ele de jactancioso orgulho para o proprietário) mas pelo alvoroço do patrão, banho tomado, roupas de cidade, família a tiracolo, carro de passeio à porta, deduzia ser uma festança, um evento cerimonioso, glamoroso. Instigado por toda aquela azáfama, decide ver de perto o que se passava, esperando tão somente baixar a noite, aproveitando a luz clara, cheia do luar, em seus primorosos revérberos, aí pela década de 1960.

Preterido, desfilaria – ou melhor proclamaria pela cidade - do alto de seu avantajado, invejado corpanzil, afiadas guampas, sua imponência, a mais refinada galhardia. Sempre julgara-se perspicaz, esmerado, apto a transpor quaisquer situações ou modalidades de obstáculos. E incólume, linhagem nobre, portar-se-ia pelas ruas como um corajoso duque, um general vitorioso após vencer importante batalha. Quiçá um sultão à busca de novas conquistas! Não era ele o senhor, o soberano daquelas plagas ao redor?! Quem, por aqueles recantos, por maior a galhardia, ousaria desafiá-lo, opor-lhe resistência?!

Sol já bem posto, entreaberta a noite, põe-se a caminho. Mas de forma calma, cadenciada travessia. Questão de uns quatro quilômetros. Deslumbra-se ao adentrar a cidade. O brilho das luminárias, os bem cuidados jardins, o ar perfumado da noite, lojas atrativas, iluminuras a gosto. Considerável número de veículos - e dos mais chiques - ali estacionados, ocupando a praça. Sinais de festa aparentemente encerrada há pouco. Chegara atrasado, decerto. Caixas vazias, aglomeradas pelas calçadas em torno. O odor de refrigerantes, bebidas alcoólicas, virtualhas, repastos tresandando ainda o ar. Vê-se seduzido, quem sabe provocado, pelo prédio reluzente, vistosas fachadas em vidro espelhado, o hall resplandecente, de cujas entranhas ainda se observava ligeiro movimento. Acima a inconfundível identificação: Banco do Brasil. Estavam agora explicadas as razões de tanto frenesi – a badalada inauguração da agência bancária local e que, à época, atendia a toda uma vasta região.

Airoso, exibindo todo seu charme, aproxima-se, quedando-se, estacando-se, porém, abruptamente. Do charme, do encantamento passa à súbita fúria. Quem seria aquele intruso, o atrevido que se postara à sua frente, vindo do luzente prédio, ocultado até então pelos espelhados vidros?!

Ah, sim, ali estava a causa de não ter sido convidado. Um outro “soberano”, um outro touro agora granjeara a admiração geral. E se homiziara justamente no prédio da agência bancária. E ali a ridicularizá-lo, a remedá-lo. Busca intimidá-lo. Inútil. Todas as suas gingas, ameaças, raspagem de patas no chão, cabeça e guampas levantadas em posição de ataque, o outro o faz igualmente. Imita-o, ironiza-o até, repetindo acintosamente seus gestos belicosos. Não poderia permitir tal concorrência, sequer estas e outras afrontas. Não tem dúvidas: arremete-se furioso, incontrolável sobre o “outro”, que, tão logo estouradas as portas, vitrais estilizados, desaparece, escafedendo-se covardemente num passe de mágica, prédio adentro. Insano, busca-o em vão por toda o luxuoso aposento, pisoteando, esmagando máquinas, móveis, painéis, lumi-



nárias.

O vigilante da agência, de nome Felipe, assim os comentários de época, ao ver as portas e vidros despedaçados, o imenso, paquidêmico animal a tudo rompendo, corre para o andar superior, ali refugiando-se e por desespero ou involuntariamente, atira a esmo, acabando por acertar o sino da igreja matriz, que, por sua vez, badala estentórea, freneticamente acordando a muitos pelas proximidades. E Soberano, enfim, a honra lavada, o repúdio insólito ao não convite, a fuga covarde do “outro” convidado, torna plácida, bovinamente o caminho da fazenda.

Dia seguinte, a agência recém inaugurada, modernamente aparelhada, amanheceria com toda a sua fachada e interiores danificados, inclusive equipamentos operacionais, móveis, guichês, fruto da dor de cotovelo do boi Soberano, não convidado para a festa, que, durante a madrugada, “lutara” insanamente consigo mesmo, deixando um rasto de prejuízos, danos materiais...e medo!

Nota

Segundo alguns, fato acima narrado – verídico! (no mínimo é o que diz o anedotário local) - teria ocorrido por volta de 1972, ao ensejo da reinauguração da agência do Banco do Brasil, em Bom Sucesso. Há quem afirme, porém, que o fato se deu na noite do dia 15/10/1960 quando da inauguração oficial da agência: o boi “trapalhão” seria de propriedade da família Roquim; segundo outros, talvez por gozação ou chocarrice, seria de propriedade de dr. Sebastião Resende⁽¹⁾ famoso advogado local-regional, que possuía um sítio acerca de 4 km da cidade de Bom Sucesso. Para alguns, no entanto, o desvairado animal seria de propriedade do sr. José Resende, presidente do Sindicato Rural local; para outros, o animal seria de propriedade do Zé Boiadeiro, que tinha por hábito criar gado solto pela cidade e adjacências. todos eles, em suma, tirando a responsabilidade ou condição de proprietário... Conta-se que o boi notívago, fugitivo da fazenda, teria chifrado os vidros da porta espelhada, ao se ver “reproduzido” do outro lado, bem à sua frente, à sua semelhança e imagem (julgando ser outro “concorrente”). O vigilante ante o impacto destruidor do boi sobre a fachada e interior da agência, correria para o andar superior e no atropelo teria atirado a esmo, acertando o sino da igreja matriz). Uma cena sem dúvida grotesca, chocarreira. É o que dizem...

(1)Dr. Sebastião Resende era filho de Joaquim Urbano de Resende e D^a Judith Ribeiro de Resende. Faleceu no Instituto do Coração em São Paulo em 30-05-1980, aos 56 anos de idade. Notável advogado e relevante personalidade pública regional. Era irmão do sr. José Resende, fazendeiro dinâmico, líder ruralista conceituado e que, durante anos, esteve à frente do Sindicato Rural de Bom Sucesso.